

XXIV ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS
GT BIOGRAFIA E MEMÓRIA SOCIAL
SESSÃO: MILITÂNCIA E TRAJETÓRIAS NA POLÍTICA BRASILEIRA

**“A PARTE DOS HOMENS”:
BIOGRAFIA, AUTOBIOGRAFIA
E HISTÓRIA DO MOVIMENTO OPERÁRIO**

Benito Bisso Schmidt

(Departamento de História,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas,
Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Petrópolis (RJ), outubro de 2000.

**“A PARTE DOS HOMENS”:
BIOGRAFIA, AUTOBIOGRAFIA E HISTÓRIA DO MOVIMENTO OPERÁRIO***

Benito Bisso Schmidt**

Pode parecer paradoxal o interesse pela biografia e pela autobiografia em um âmbito da história, o do movimento operário, que se funda e se legitima no coletivo: como pensar o “eu” em um movimento que enseja o “nós”?¹ Porém, nos últimos anos, muitos historiadores, sociólogos, antropólogos, cientistas políticos e mesmo militantes têm voltado a sua atenção para as trajetórias de vida de homens e mulheres que, de alguma forma, participaram da organização e das lutas da classe operária; interesse este manifestado na publicação de memórias, biografias, dicionários biográficos, etc. Assim, aqueles nomes que tradicionalmente se diluíam nas motivações estruturais e nos sujeitos coletivos (a classe, o sindicato, o partido, a greve) ganharam rosto e personalidade, ao terem suas vidas pesquisadas, narradas e divulgadas. No presente texto, quero tratar um pouco desta mudança de perspectiva, a partir de dois eixos: 1) uma reflexão sobre a importância conferida ao indivíduo na história do movimento operário e 2) um exercício de análise de fragmentos autobiográficos produzidos por lideranças deste movimento. Ressalto que abordarei de forma mais atenta o caso do Brasil, e mais especificamente o do Rio Grande do Sul, que conheço melhor, mas procurarei traçar comparações com estudos produzidos em outros países, especialmente na França².

1 - O militante na história do movimento operário brasileiro: de herói a indivíduo representativo

Já nos primeiros escritos que pretenderam construir a história do movimento operário brasileiro, de autoria dos próprios militantes e tendo como suporte as páginas dos jornais socialistas e anarquistas, é possível encontrar fragmentos biográficos e autobiográficos: elegias fúnebres,

* O título deste texto foi inspirado pela coleção “La part des hommes”, das Les Éditions de l’Atelier/Éditions Ouvrières, dirigida por Claude Penetier, que publica biografias de personagens relevantes ligados ao movimento operário europeu. Agradeço a Isabel Bilhão pela leitura cuidadosa da primeira versão do texto.

** Professor do Departamento de História da UFRGS.

¹ Cf. BATALHA, Claudio. “A historiografia da classe operária no Brasil: trajetórias e tendências”. In: FREITAS, Marcos Cezar de (org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo, Contexto/USF, 1998. p. 157.

² A bibliografia francesa foi localizada e analisada durante o estágio que realizei no “Centre de Recherches d’Histoire des Mouvements Sociaux et du Syndicalisme”, da Universidade de Paris I - Panthéon-Sorbonne, no primeiro semestre de 2000. Agradeço ao Professor Jean-Louis Robert pela orientação e à CAPES pela concessão da bolsa.

saudações aos mártires, evocações memorialísticas, etc. Neste momento, final do século XIX e início do XX, quando a organização dos trabalhadores apenas principiava, era importante apresentar aos “companheiros menos instruídos” exemplos de abnegação e dedicação à causa do proletariado. Assim, por exemplo, quando o militante socialista gaúcho José Macchi faleceu em 1907, o jornal “A Democracia”, após recapitular alguns fatos importantes de sua vida, saudou-o da seguinte forma:

Prestou ele à causa proletária valiosos serviços, soube lutar como um bravo e convicto que era.

(...)

Homem de caráter rijo e de inabalável força de vontade, não soube, em nenhuma circunstância de sua vida, o que era capitular em definitivo diante de contrariedades ou do adversário.

(...)

Na vida pública José Macchi era assim, e na vida do lar a sua diretriz era toda de amor: filho, esposo e pai exemplaríssimo, sempre voltado ao bem e às alegrias daqueles que eram as alegrias e o bem dele (21/04/1907, p. 1).

Ou seja, mais do que como um indivíduo, Macchi é apresentado como um modelo de conduta para os seus companheiros, pois, tanto na vida pública como na privada, teria demonstrado todas as qualidades próprias ao “bom militante”: bravura, convicção, coragem, dedicação à “causa proletária” e à família, etc. Obviamente que a circunstância da morte, e a comoção por ela causada, favorece este processo de idealização, pois permite que os possíveis “pontos baixos” da trajetória do morto sejam com ele sepultados, ao menos temporariamente, e que sua memória seja modelada de acordo com os interesses dos vivos³.

Não só a morte, mas também a distância geográfica, contribui para que determinados indivíduos sejam elevados à condição de modelos. Assim, o jornal “ECHO Operário”, em 1898, descreveu da seguinte forma o socialista francês Jean Jaurés:

Forte, atarracado, barbudo, cabeludo, vermelhaço, todo ele gestos, nervos, atividade. A sua voz abaritonada ouve-se em toda a sala [do Parlamento francês]. Os murros que dá na tribuna seriam capazes de abater um toiro. Muito talento e muita força (13/03/1898, p. 2).

Neste caso, Jaurés encarna no próprio físico a energia necessária à luta contra a exploração capitalista: seu vigor parece ser o contraponto da submissão que a burguesia exigia do proletariado; seu talento e sua força o tornam um exemplo a ser seguido pelos demais militantes.

³ Neste caso específico, deve-se ressaltar que a morte de José Macchi ocorre depois de uma intensa disputa entre socialistas e anarquistas pela liderança do movimento operário porto-alegrense, na qual ele esteve profundamente envolvido. Assim, ao ressaltarem as qualidades de Macchi, os socialistas reafirmavam simultaneamente o valor da causa por ele defendida. Sobre a importância da morte como condicionante das narrativas biográficas, ainda que tratando do período contemporâneo, cf.: RONDELLI, Elizabeth e HERSCHMANN, Micael. “Os *media* e a

Posteriormente, sobretudo a partir dos anos 60, a história do movimento operário passou a despertar o interesse dos cientistas sociais. Partindo de um modelo europeu muitas vezes idealizado, a nossa classe operária foi considerada como “débil” e “incompleta”, seja em virtude da predominância do artesanato sobre a grande indústria (na I República), seja em função da repressão estatal e da origem rural do proletariado nacional (no pós-1930). Quero dizer com isso que, neste momento, o interesse de sociólogos e historiadores pelo movimento operário ia a reboque de outras questões mais amplas, como os obstáculos para a realização do capitalismo no país, a questão da dependência, os percalços do processo de industrialização, etc. Em tais estudos, predominava um enfoque macro-orientado que, obviamente, deixava de lado as vivências individuais dos militantes, priorizando, ao contrário, as determinações estruturais e o movimento dos sujeitos coletivos⁴.

Contudo, a história “modelar” antes referida - que evidencia os exemplos de força, coragem, dedicação e abnegação de alguns personagens - não foi substituída pela história acadêmica do movimento operário. Ela continuou e continua a ser praticada por historiadores, em geral diletantes, eles próprios militantes ou simpáticos à causa dos trabalhadores. Cito, como exemplo, o livro do jornalista João Batista Marçal, “Comunistas gaúchos: a vida de 31 militantes da classe operária”, publicado em 1986. Já na “orelha” do livro, o autor esclarece o objetivo do seu trabalho:

(...) acho que a classe operária deve conhecer e reverenciar os seus heróis e mártires, aquelas figuras que ao longo da luta de classes tomaram para que continuássemos de pé. A burguesia não tem seus heróis? Pois a classe operária também tem. Aqui alguns deles⁵.

Percebe-se assim que, apesar da referência a um conceito marxista (luta de classes), a interpretação do autor, mesmo que com signo contrário, é idêntica à da historiografia tradicional, destacando sobretudo os “grandes homens”, que constróem e dão sentido à história.

Por outro lado, especialmente a partir da década de 80, verificou-se, no âmbito mesmo da Academia, um crescente interesse pelas trajetórias de vida dos militantes operários. Uma série de razões, teóricas e sociais, intimamente articuladas, podem ser apontadas como “causas” deste fenômeno.

construção do biográfico – a morte em cena”. In: SCHMIDT, Benito (org.). *O biográfico*. Santa Cruz, EDUNISC. (no prelo)

⁴ Cf., como expoentes desta tendência: CARDOSO, Fernando Henrique. “Situação e composição social do proletariado brasileiro”. *Sociologie du travail*, (4), 1961; LOPES, Juarez Brandão. *Sociedade industrial no Brasil*. São Paulo, Difel, 1964 e RODRIGUES, Leôncio Martins. *Conflito industrial e sindicalismo no Brasil*. São Paulo, Difel, 1966. Para uma crítica, cf.: PAOLI, Maria Célia; SADER, Eder e TELLES, Vera da Silva. “Pensando a classe operária: os trabalhadores sujeitos ao imaginário acadêmico”. *Revista Brasileira de História*, 3 (6), 1983.

⁵MARÇAL, João Batista. *Comunistas gaúchos: a vida de 31 militantes da classe operária*. Porto Alegre, Tchê!, 1986.

De um lado, temos a crise mais geral dos grandes paradigmas explicativos - marxistas e funcionalistas -, que levou os cientistas sociais a se interessarem pelas estratégias quotidianas, pelos espaços intersticiais de liberdade e de criação, pelas ações informais de resistência, etc.; como uma resposta ao peso das determinações estruturais, das regularidades quantitativas, da temporalidade da longa duração. Uma nova história social, especialmente atenta às práticas e representações individuais, emergiu na historiografia brasileira, muito influenciada pela nova história francesa, pelo novo marxismo inglês, pela micro-história italiana, entre outras correntes. No âmbito mais específico da história operária, foram os britânicos, em especial E. P. Thompson, que inspiraram tal renovação. Este historiador, em seu “A formação da classe operária inglesa”, de 1963 mas traduzido para o português somente em 1987, mostrou a importância das ações individuais no “fazer-se” da classe, entendido como um “(...) processo ativo, que se deve tanto à ação humana como aos condicionamentos”⁶. Thompson, ele mesmo autor de uma biografia do socialista William Morris⁷, de certa forma abriu caminho para a revalorização dos estudos biográficos na historiografia do movimento operário.

Em termos político-sociais, a renovação historiográfica correspondeu à redemocratização do país e à emergência dos chamados “novos movimentos sociais” - feminista, gay, negro, ecológico, movimentos de bairro, etc. -, bem como à formação do PT, que trazia consigo uma severa crítica ao sindicalismo oficial e ao autoritarismo do PCB. Sem que se possa fazer uma transposição mecânica, penso que este “clima” certamente influenciou os novos estudos sobre o operariado brasileiro. Neles, passou-se a privilegiar as bases em detrimento dos líderes, enfocando-se o operário em seus locais de trabalho, moradia e lazer, mais do que no sindicato, e acentuando-se a importância das resistências quotidianas, mais do que das reivindicações formalizadas. Ocorreu, igualmente, o resgate da importância (e mesmo, em alguns casos, uma certa idealização) dos anarquistas, antes identificados com uma espécie de “pré-história” do movimento operário, que, com suas propostas de autogestão e de organização sindical, passaram a ser vistos como o “antídoto” perfeito à burocratização dos comunistas⁸.

Porém, depois desta efervescência inicial, o movimento operário entrou em declínio frente à ofensiva neo-liberal e o PT enfrentou o desgaste da institucionalização e de algumas vitórias eleitorais, bem como a dificuldade de encontrar um candidato à presidência da República

⁶THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987. v. 1. p. 9.

⁷THOMPSON, E. P. *William Morris: romantic to revolutionary*. Nova York, Pantheon Books, 1977.

⁸Cf., como exemplos destes novos estudos sobre a classe operária brasileira: CAMPOS, Cristina Hebling. *O sonhar libertário: movimento operário nos anos de 1917 a 1921*. Campinas, Pontes/Editora da UNICAMP, 1988; DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. *A vida fora das fábricas: cotidiano operário em São Paulo, 1920-1934*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987 e RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil, 1890-1930*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.

alternativo a Lula. Mesmo que esta dedução pareça grosseira, e que as mediações sejam muito mais complexas, creio que fomos nos apercebendo que o indivíduo conta, e muito, na constituição e no desenrolar das tramas históricas.

Todas estas motivações influíram na “redescoberta” do militante enquanto elemento fundamental da história do movimento operário e, em conseqüência, na revalorização das biografias neste âmbito do conhecimento histórico. Porém, não mais o militante heróico e sim o personagem representativo de uma determinada época, tendência política, setor profissional, região, gênero, etc. Neste ponto, penso que uma comparação com o “caso francês” pode ser elucidativa.

Na França, o interesse acadêmico pelas biografias de militantes operários tem como marco a elaboração, a partir de 1955, do monumental “Dicionário biográfico do movimento operário francês”⁹, conhecido como “Maitron”, em homenagem ao seu idealizador, o historiador Jean Maitron (1910-1987). Este autor - ele próprio um ex-militante comunista, que rompeu com o PCF no momento do pacto germano-soviético - concebeu uma obra na qual deveriam estar registradas as biografias de todos os indivíduos que deixaram vestígios de sua participação no movimento operário daquele país, a partir da Revolução Francesa, ainda que tal participação tenha sido episódica ou de pouca importância efetiva. No contexto da primeira metade dos anos 50, tal escolha tinha um sentido político específico: ao buscar apreender o conjunto da militância e não apenas as lideranças, Maitron respondia a um movimento operário profundamente marcado pelo comunismo stalinista, no qual o culto da personalidade e a falsificação de biografias e de fotos eram elementos centrais¹⁰.

O trabalho de elaboração do Dicionário, que se prolonga nos dias de hoje, influenciou profundamente a maneira de se conceber o biográfico neste campo de estudos, sobretudo em dois aspectos: na idéia de que qualquer militante é digno de uma biografia e, em conseqüência, no interesse pela biografia coletiva, prosopográfica, antes reservada sobretudo ao estudo das elites¹¹. Nessa ótica, segundo Giovanni Levi,

as biografias individuais só despertam interesse quando ilustram os comportamentos ou as aparências ligadas às condições sociais estatisticamente mais freqüentes. Portanto não se trata de biografias verídicas, porém mais precisamente de uma utilização de dados

⁹ O dicionário é publicado pelas Les Éditions de l'Atelier/Éditions Ouvrières e, depois da morte de Maitron, passou a ser dirigido por Claude Pennetier. Para o período de 1789 a 1939, a obra apresenta 110 000 verbetes, tendo como base o trabalho coletivo de 450 colaboradores, acadêmicos ou não. Esta experiência incentivou outras semelhantes, referentes a diferentes países (Alemanha, Bélgica, China, Grã-Bretanha, Áustria, Japão, Marrocos, etc), ou setores profissionais (como os eletricitistas). Mais recentemente, a equipe do “Maitron” lançou o CD-Rom do Dicionário e prepara as biografias dos militantes que atuaram a partir de 1940.

¹⁰ PENNETIER, Claude. “L'expérience du Dictionnaire biographique du mouvement ouvrier et la mémoire ouvrière”. In: Vários autores. *Mémoires des solidarités*. Ramonville Saint-Agne, Erès, 1997. p. 21.

¹¹ Cf.: CHARLE, Christophe. “Du bon usage de la biographie sociale comparée ou les trois âges de la biographie collective”. In: DREYFUS, Michel; PENNETIER, Claude e VIET-DEPAULE, Nathalie (dir.). *La part des militants*. Paris, Les Éditions de l'Atelier/Éditions Ouvrières, 1996.

*biográficos para fins prosopográficos. Os elementos biográficos que constam das prosopografias só são considerados historicamente reveladores quando têm alcance geral*¹².

A abundante “base de dados” oferecida pelo “Maitron” permitiu a elaboração de interessantes trabalhos prosopográficos, cruzando, geralmente com tratamento estatístico, variáveis como: origem geográfica, categoria sócio-profissional, idade, gênero, orientação ideológica e partidária, etc¹³. Porém, parece-me que, nestas análises, aquilo que constitui a essência da biografia - a individualidade - permaneceu submersa no coletivo; um coletivo enriquecido e complexo, menos fundado nas grandes teorizações e mais nos dados empíricos, mas ainda assim um coletivo. Portanto, mesmo que, para o movimento operário francês, o “Dicionário” se constitua em um lugar de memória privilegiado, pautado pela crença na ação militante e na ética da responsabilidade individual¹⁴; em seu uso “científico”, ele tem se prestado sobretudo à pesquisa do coletivo.

Mais recentemente, outros estudos produzidos na França têm se voltado para as biografias individuais de personagens importantes ligados ao movimento operário europeu, como aqueles publicados nas coleções “La part des hommes”¹⁵ e “Références/Facettes”¹⁶. A revista “Mouvement Social”, tradicionalmente ligada à história operária e do trabalho, também lançou um dossiê recente sobre o tema¹⁷. Tais indícios mostram que pensar o indivíduo é uma tarefa atual e necessária para a renovação deste âmbito historiográfico. Porém, eles também reafirmam um dilema: será que apenas as “elites” do movimento operário, os militantes mais destacados, podem ser objetos de biografias individuais enquanto que às “bases” só resta o tratamento coletivo?¹⁸ O problema da falta de fontes

¹² LEVI, Giovanni. “Usos da biografia”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro, FGV, 1996. p. 174.

¹³ Cf., para alguns exemplos deste tipo de trabalho, a coletânea organizada por DREYFUS, M.; PENNETIER, C. e VIET-DEPAULE, N., op. cit.

¹⁴ PERROT, Michelle. “Le Dictionnaire comme ‘lieu de mémoire’”. In: DREYFUS, M.; PENNETIER, C. e VIET-DEPAULE, N., op. cit., p.p. 13 e 19.

¹⁵ Nesta coleção já foram publicados, segundo o catálogo de 1999, os seguintes títulos: “Eugène Descamps, chrétien et syndicaliste” (Frank Georgi), “Lissagaray, la plume et l’épée” (René Bidouze), “Jules Guesde, l’apôtre et la loi” (Claude Willard), “Madeleine Pelletier, une féministe dans l’arène politique” (Claude Maignien e Charles Sowerwine), “Léon Sédov, fils de Trotsky, victime de Staline” (Pierre Broué), “Renaud Jean, le tribun des paysans” (Gérard Belloin), “Marceau Pivert, ‘socialiste de gauche’” (Jacques Kergoat), “Clara Zetkin, féministe sans frontières” (Gilbert Badia), “Gracchus Babeuf avec les égaux” (Jean-Marc Schiappa), “Moi, Clément Duval, Bagnard et anarchiste” (apresentado por Marianne Enckell), “Eugène Varlin, chronique d’un espoir assassiné” (Michel Cordillot), “Rosa Luxemburg, épistolière” (apresentado por Gilbert Badia) e “Pierre Monatte, une autre voix syndicaliste” (Colette Chambelland).

¹⁶ Coleção editada pelas Presses de Sciences Po. Cf. o livro de Stéphane Sirot sobre o secretário geral do PCF, Maurice Thorez.

¹⁷ Dossiê “De l’usage de la biographie”. *Mouvement Social*, (186), jan.-mar. 1999.

¹⁸ Em 1963, François Furet afirmou que a noção de classes subalternas evoca toda uma idéia de quantidade e de anonimato. FURET, François. “Pour une définition des classes inférieures à l’époque moderne”. *Annales ESC*, 18 (3), 1963.

é o único entrave para a “democratização” do enfoque biográfico?¹⁹ Estas são questões para o debate...

No Brasil, também apareceram recentemente, em especial na década de 90, diversas biografias de militantes operários, sobretudo na forma de teses e dissertações²⁰. Seguindo orientações teórico-metodológicas diferenciadas, tais trabalhos têm evidenciado a importância de indivíduos singulares na formação do movimento operário local, sobretudo em seu período inicial, ou seja, a I República. Seus autores buscam mostrar que, para além das ideologias e organizações formalizadas, existia todo um trabalho cotidiano, por vezes mais afetivo que político, cristalizado na constituição de redes de amizade, de ajuda mútua, mas também de rivalidade e de conflito. Recupera-se, através das vivências destes personagens, o papel dos sentimentos, do privado, das ações minúsculas do dia-a-dia, no processo de organização (ou de desorganização) da classe.

Um exemplo desta perspectiva - que integra o passional e o político, o afetivo e o ideológico, na elaboração da narrativa biográfica - é a dissertação de mestrado de Carlo Romani sobre o anarquista italiano Oreste Ristori, que militou no Brasil no início do século XX. Ao tratar do rompimento de Ristori com o movimento anarquista, diz o autor:

(...) nos deparamos com um homem que passa por um momento de profunda desilusão em sua vida. Uma desilusão causada pela constatação da imensa distância existente entre o operário típico que forma a classe, e o indivíduo Oreste. (...)

Dono de um caráter intempestivo, ao sentir inútil todo o seu esforço de anos, a propaganda, a educação, a luta enfim, Ristori resolve bater em retirada. (...)

(...) o trabalho de formiga, dia a dia, propagandeando a mensagem da anarquia, não retornaria mais²¹.

Outra característica importante de tais trabalhos é que, em todos, o estudo da trajetória do personagem focado não é visto como um fim em si mesmo, mas como um meio para se compreender o contexto no qual ele viveu. Esta é a perspectiva de Regina Horta Duarte, que analisou a trajetória do anarquista mineiro Avelino Fóscolo:

Afastando-me de preocupações tais como explicar as atividades de Avelino Fóscolo a partir de uma teoria geral acerca do anarquismo, busquei reconstituir as veredas por ele percorridas em sua trajetória libertária. A partir daí, creio que o trabalho deixou de ser uma discussão sobre a vida de um militante isolado e esquecido, para focalizar alguns

¹⁹ Muitos estudos produzidos nas últimas décadas mostraram que, apesar da exigüidade das fontes, é possível realizar biografias de personagens comuns, desprovidos de qualquer projeção social ou política. Um exemplo recente e, do meu ponto de vista, bem sucedido, é o trabalho de CORBIN, Alain. *Le monde retrouvé de Louis-François Pinagot, sur les traces d'un inconnu, 1798-1876*. Paris, Flammarion, 1998.

²⁰ Nesta parte do texto, permito-me retomar algumas idéias por mim já apresentadas no artigo “Trajetórias e vivências: as biografias na historiografia do movimento operário brasileiro”. *Projeto História*, (16), fev. 1998.

²¹ ROMANI, Carlo. *Oreste Ristori: uma aventura anarquista*. Campinas, PPG em História Social do Trabalho da UNICAMP, 1998 (dissertação de mestrado). p.p. 192-4.

*aspectos da história de Minas Gerais, nas últimas décadas do século XIX e nas duas primeiras do século XX*²².

Não foi diferente a motivação de Maria Helena Bernardes para escrever sobre o itinerário de Laura Brandão, mulher do líder comunista Octávio Brandão: “(...) não foi somente por aquilo que ela tinha de excepcional na sua experiência de comunista. Busquei também a possibilidade de, através de sua trajetória pessoal, entender um pouco a história do tempo em que viveu (...)”²³.

Ou seja, o indivíduo biografado aparece como um prisma, um ponto de observação, para se entender melhor uma determinada época e um determinado local. Tal perspectiva aponta para um problema crucial que, ao meu ver, ainda é pouco discutido pelos biógrafos: o da representatividade. Até que ponto um indivíduo representa o seu meio social? Se o tomamos como representativo, não estaremos realizando, paradoxalmente, a eliminação de sua individualidade? Como manter a tensão, ao longo de uma biografia, entre a norma e a possibilidade, entre os constrangimentos sociais e a liberdade individual? Embora os autores citados estabeleçam em seus textos, muitas vezes com maestria, esta tensão, penso que ainda é preciso avançar na discussão sobre o tema. Encerro esta primeira parte, citando as palavras de Sabina Loriga que podem indicar alguns rumos para o debate proposto:

Todos os que trabalham com fontes biográficas (diários íntimos, correspondência, memórias etc.) sabem o quanto é frustrante essa busca de normalidade. É sem dúvida por isso que é tão tentador embotar a especificidade dos destinos pessoais: de maneira aparentemente inofensiva, procuramos na prática histórica limitar, quando não corrigir, os elementos egotistas da biografia - procedimento que lembra a eliminação das idiosincrasias individuais proposta pelos positivistas.

Para ela, o importante é conceber

*(...) o singular como um elemento de tensão: o indivíduo não tem como missão revelar a essência da humanidade; ao contrário, ele deve permanecer particular e fragmentado. Só assim, por meio de diferentes movimentos individuais, é que se pode romper as homogeneidades aparentes (por exemplo, a instituição, a comunidade ou o grupo social) e revelar os conflitos que presidiram à formação e à edificação das práticas culturais: penso nas inércias e na ineficácia normativas, mas também nas incoerências que existem entre as diferentes normas, e na maneira pela qual os indivíduos, ‘façam’ eles ou não a história, moldam e modificam as relações de poder*²⁴.

²² DUARTE, Regina Horta. *A imagem rebelde: a trajetória libertária de Avelino Fóscolo*. Campinas, Pontes/Editora da UNICAMP, 1991. p. 18.

²³ BERNARDES, Maria Elena. *Laura Brandão: a invisibilidade feminina na política*. Campinas, PPG em História Social do Trabalho da UNICAMP, 1995 (dissertação de mestrado). p. 18.

²⁴ LORIGA, Sabina. “A biografia como problema”. In: REVEL, Jacques (org.). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro, FGV, 1998. p.p. 247 e 249.

2 - Entre o “eu” e o “nós”: o discurso autobiográfico dos militantes socialistas (o caso do Rio Grande do Sul na I República)

Não há nada (...) menos transparente do que uma autobiografia, feita para ocultar tanto quanto para revelar. Mas essas sutis manipulações do esconder/mostrar nos levam, pelo menos, à entrada da fortaleza²⁵.

Nesta segunda parte do texto, altero substancialmente meu enfoque, deixando de lado a análise historiográfica, para examinar a narrativa de alguns fragmentos autobiográficos produzidos por lideranças socialistas que atuaram no Rio Grande do Sul durante a República Velha²⁶.

* * *

Quem folheia jornais operários do final do século XIX e início do XX, volta e meia depara-se com escritos de conteúdo autobiográfico. Em meio a manifestos, textos teóricos e denúncias contra a exploração capitalista - articulados em torno do “nós-operários” em oposição ao “eles-burgueses” -, insinua-se o “eu-militante”. Tais fragmentos nos levam a pensar que o discurso da militância operária, embora fundado e legitimado no e pelo coletivo, não prescinde do individual, estabelecendo, na sua intenção identitária, uma convivência tensionada entre o “eu” e o “nós”. Quero então analisar alguns exemplos desta “escrita de si”, buscando explicitar certos elementos significativos de sua narrativa.

Cabe esclarecer que parto da definição já consagrada de autobiografia proposta por Philippe Lejeune: “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando ela acentua sua vida individual, em particular a história de sua personalidade”²⁷. Porém, prefiro falar de “fragmentos autobiográficos” pois, embora os textos examinados enquadrem-se nos critérios antes mencionados (narrativos, em prosa, identidade do autor e do narrador, ênfase na vida individual), eles não compõem um todo (como em um livro autobiográfico), mas aparecem dispersos em diversos artigos, escritos em momentos e com objetivos diferenciados.

²⁵ PERROT, Michelle. “Introdução”. In: *História da vida privada 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo, Companhia das Letras, 1991. p. 11.

²⁶ Esta análise parte da pesquisa que realizei para a minha dissertação de mestrado, defendida em 1996 no PPG em História da UFRGS, na qual construí a biografia do militante socialista Antônio Guedes Coutinho (1868-1945) (cf. SCHMIDT, Benito Bisso. *Um socialista no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Ed. da Universidade/UFRGS, no prelo.); e daquela que realizo atualmente, no Curso de Doutorado em História Social do Trabalho da UNICAMP, sobre os também militantes socialistas Francisco Xavier da Costa (1872-1934) e Carlos Cavaco (1888-1961).

* * *

*Diga-nos agora, o ilustre Sr. Francisco Xavier da Costa, quem é, de onde vem e para onde vai com toda a sua inteligência, talento, mérito e utilidades*²⁸.

Com estas palavras irônicas, o militante socialista Antônio Guedes Coutinho encerrava o artigo “Um homem ilustre”, publicado no jornal “Echo Operário”, em 25 de setembro de 1898. Nele, o articulista, após resgatar alguns momentos da sua trajetória de vida, reveladores de seu esforço pessoal e de sua dedicação à causa do operariado, incitava o também socialista Francisco Xavier da Costa a fazer o mesmo: falar de si. Desafios como este não eram incomuns nas polêmicas entre lideranças operárias na I República²⁹, e mostram a importância da afirmação da reputação individual para aqueles que desejavam assumir um papel de destaque no processo de organização dos trabalhadores então em curso.

Um primeiro elemento importante neste intuito de autolegitimação é a reivindicação daquilo que se poderia chamar de origem “genética” das qualidades pessoais. Ou seja, o militante socialista herdaria de seus ancestrais não só o destino de pobreza e trabalho, mas também a honra e a nobreza de caráter. O citado Coutinho é exemplar neste sentido. Diz ele, no texto antes mencionado: “o diretor deste jornal é filho legítimo de dois honestos operários, portugueses, que mereceram, pelas suas qualidades de honradez e nobreza de caracteres, a estima e respeito de todos os conhecidos”. Seu opositor, Francisco Xavier da Costa, segue o mesmo caminho, em artigo de 1905: “filho de pai operário e de mãe pobre (...), quando compreendi isto tornei-me nobremente orgulhoso”³⁰. Carlos Cavaco, companheiro de militância de Costa, não se distancia desta perspectiva. Referindo-se ao pai, afirmou que este “(...) deixou para a sua numerosa família uma herança de pobreza e de glória”³¹.

Esta marca inicial de pobreza e dignidade permite, ao mesmo tempo, reforçar a reputação do líder-autor e estabelecer uma identificação com os operários-leitores. Como salienta Sirot, ao analisar a autobiografia do secretário-geral do Partido Comunista Francês, Maurice Thorez (1900-

²⁷ LEJEUNE, Philippe. *Le pacte autobiographique*. Paris, Seuil, 1996. p. 14.

²⁸ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 25/09/1898. p. 2.

²⁹ Neste caso específico, Coutinho e Costa atacaram-se mutuamente pelas páginas dos jornais “Echo Operário” e “Gazetinha”, respectivamente, devido ao atraso na divulgação das deliberações do 1º Congresso Operário do Rio Grande do Sul, ocorrido em 1898. O primeiro, que representou a Sociedade União Operária da cidade de Rio Grande no evento, criticou o procedimento do “Comitê Executivo da Federação Operária Rio-Grandense”, fundado durante o Congresso e presidido por Costa, dando origem ao “duelo”. Cf., sobre polêmicas entre lideranças operárias no período: BILHÃO, Isabel. *Rivalidades e solidariedades no movimento operário (Porto Alegre, 1906-1911)*. Porto Alegre, Edipucrs, 1999. p.p. 86-93 e SCHMIDT, Benito Bisso. “A palavra como arma: uma polêmica na imprensa operária porto-alegrense em 1907”. *História em revista*. Pelotas, UFPel, no prelo.

³⁰ A DEMOCRACIA. Porto Alegre, 20/08/1905. p. 1.

³¹ Apud CAGGIANI, Ivo. *Carlos Cavaco: a vida quixotesca do tribuno popular de Porto Alegre*. Porto Alegre, Martins Livreiro, 1986. p. 12. (Sem referência da fonte)

1964), “os laços e as relações orgânicas com o povo representam o elemento central fundador da identidade do dirigente operário exemplar (...), ele é o produto, a emanção do povo”; o que, em consequência, o habilita a ser seu “representante emblemático”³². Tal construção identitária é fundamental na luta política dos socialistas. Afinal, esta corrente propunha a superação do capitalismo pela via eleitoral, o que implicava a eleição de indivíduos “verdadeiramente saídos do seio do elemento trabalhador”³³, como dizia Xavier da Costa, ou de “irmãos trabalhadores que saibam quanto custa a vida a quem vive do salário”³⁴, como afirmava Coutinho.

Em alguns casos, a militância ou, pelo menos, a altivez necessária à luta contra as injustiças sociais, são também apresentadas como tendo uma origem ancestral. Este é o caso do militante Carlos Cavaco que, de forma poética e arrebatada, como era de seu estilo, escreveu:

O MEU BERÇO

*Latino, americano, brasileiro,
por estas veias impetuosas passa
o sangue altivo que eu herdei da raça
retemperada a golpes de “pampeiro”³⁵.*

Para outros, a rebeldia aparece como resultado de uma escolha, da tomada de decisão diante de uma encruzilhada, na qual cabe um peso decisivo à já mencionada “honradez genética”. Este é o caso de Xavier da Costa:

*Ao atingir a adolescência vislumbrei dois caminhos diante de mim: um, o do servilismo (...); outro, o da altivez honesta, que me faria passar a existência que passo - pobre, mal visto algumas vezes, apreciado outras, porém em certas emergências, temido também porque (...) sou independente, porque não troco o desafogo de minha consciência pelas materiais conveniências de uma posição rendosa e brilhante ou possível de o ser no conceito da astuta burguesia.
Preferi o segundo caminho (...)³⁶.*

A pobreza e o trabalho, que vinculam organicamente o líder aos demais operários, aliados à altivez e à revolta, próprias de quem não se submete aos imperativos da ordem burguesa, conformam a identidade de quem pretende dirigir o movimento organizado dos trabalhadores. É o que fica claro no seguinte trecho, também escrito por Costa:

Sou um pobre operário e, acentuo ainda uma vez, orgulhoso disto; sou um simples trabalhador que convencido de que se cabem deveres ao proletário cabem-lhe, igualmente,

³² SIROT, Stéphane. *Maurice Thorez*. Paris, Presses de Sciences Po, 2000. p. 29.

³³ A DEMOCRACIA. Porto Alegre, 09/07/1905. p. 3.

³⁴ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 29/01/1899. p. 1.

³⁵ CAVACO, Carlos. *Versos de barricada!* América do Sul (sic!), s/e, 1924. p. 16.

Neste caso, nos afastamos da definição de autobiografia proposta por Lejeune, pois Cavaco escreve seguidamente em versos, constituindo o que o autor francês chama de “poemas autobiográficos”. LEJEUNE, P., op. cit., p. 14.

³⁶ A DEMOCRACIA. Porto Alegre, 20/08/1905. p.p. 1-2.

direitos (...) e tais direitos são sonogados - luta por todos os meios ao seu alcance, com a pena e com a palavra, na imprensa e na tribuna, contra a iníqua usurpação do poderoso capitalismo e contra as legiões de outros exploradores que engordam à custa do sacrossanto suor dos pobres que de fato trabalham ³⁷.

Este tipo de construção autobiográfica aproxima-se da narrativa das hagiografias que, a partir da Idade Média, visavam oferecer modelos de conduta aos fiéis. Georges Duby assinala que, em tal gênero, normalmente as virtudes dos heróis e santos já aparecem manifestas na infância e em seus ancestrais³⁸. Na mesma linha, diz Michel de Certeau:

Enquanto que a biografia visa colocar uma evolução e, portanto, as diferenças, a hagiografia postula que tudo é dado na origem com uma ‘vocação’, com uma ‘eleição’ ou (...) com um ethos inicial. A história é, então, a epifania progressiva deste dado, como se ela fosse também a história das relações entre o princípio gerador do texto e suas manifestações de superfície. A prova ou a tentação é o pathos desta relação, a ficção de sua indecisão ³⁹.

No caso do relato de Xavier da Costa, este é tentado a assumir uma posição de submissão frente à burguesia, em troca das “materiais conveniências de uma posição rendosa e brilhante”, mas acaba optando por dar continuidade ao seu destino heróico, herdado do pais pobres mas honrados: o de dirigir o operariado em sua luta por melhores condições de vida.

Tal perspectiva hagiográfica implica também as noções de linearidade e de coerência absoluta por parte do santo/herói/líder operário, ou seja, a idéia de que uma vida nada mais é do que a realização, sem hesitações, de uma essência. Ainda segundo De Certeau, este tipo de texto “(...) conta-se a si mesmo focalizando o herói em torno da ‘constância’, perseverança do próprio (...). O fim repete o começo. Do santo adulto remonta-se à infância na qual já se reconhece a efigie póstuma. O santo é aquele que não perde nada do que recebeu”⁴⁰.

Talvez por este motivo fossem tão comuns, nas disputa entre lideranças operárias, as acusações de incoerência, de hesitação, de mudança de posições pessoais e/ou políticas⁴¹. O verdadeiro líder operário deveria possuir uma convicção inabalável na justeza de seus ideais e uma atuação responsável e segura visando a sua realização. Assim, Costa fez questão de afirmar, no artigo antes citado: “não sou um aventureiro!”.

A linha unificadora das trajetórias destas lideranças deveria ser a dedicação à causa do operariado, mesmo à custa de sacrifícios pessoais. Neste sentido, Coutinho ressaltava que, para

³⁷ Idem ibidem.

³⁸ DUBY, Georges. *Guilherme Marechal ou o melhor cavaleiro do mundo*. Rio de Janeiro, Graal, 1987.

³⁹ DE CERTEAU, Michel. *A escrita da história*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1982. p. 273. Grifo do autor.

⁴⁰ Idem ibidem.

⁴¹ Cf.: SILVA Jr., Adhemar Lourenço da. “O herói no movimento operário”. In: FÉLIX, Loiva Otero e ELMIR, Cláudio P. (orgs.). *Mitos e heróis: construção de imaginários*. Porto Alegre, Ed. da Universidade/UFRGS, 1998 e SCHMIDT, Benito Bisso. “A palavra como arma...”, op. cit.

pagar a impressão do jornal por ele dirigido, o citado “Echo Operário”, teve “(...) muitas vezes de deixar de dar um objeto necessário a um filho (...)”⁴². No ano seguinte, escreveu que a devoção à causa do operariado “lhe acarretou bastante desgostos e privações para a família”⁴³. Na mesma direção, Cavaco afirmou poeticamente sua adesão incondicional à causa dos “fracos”:

PROFISSÃO DE FÉ

(...)

*Altivo e só! E de viseira erguida,
nesta grande batalha que travei
dentro da sociedade corrompida,
O meu santo ideal defenderei!*

*Erguendo o fraco à altura do meu peito,
defenderei as causas do Direito,
de pena erguida e de punhal na mão.*

(...)⁴⁴.

Parodiando Pierre Bourdieu, pode-se dizer que os fragmentos transcritos pautam-se por uma “ilusão autobiográfica”, ou seja, pela idéia “de que a vida constitui um todo, um conjunto coerente e orientado, que pode e deve ser apreendido como expressão unitária de uma ‘intenção’ subjetiva e objetiva, de um projeto (...)”⁴⁵. Tal concepção encontra uma tradução cristalina na estrofe que abre a citada poesia de Cavaco, “Profissão de fé”:

*Imperturbavelmente! A minha vida
segue na reta que eu determinei.
E, embora ulule a turba presumida
não me afasto da linha que tracei!.*

Esta vontade de viver a vida “em linha reta” coaduna-se com a posição política que tais personagens buscavam assumir: enquanto lideranças do operariado, eles deveriam apresentar-se como exemplos a serem seguidos pelos companheiros, como portadores de convicções inabaláveis, firmes, que não hesitam diante dos inimigos, que fazem de suas existências microcosmos da evolução histórica almejada: uma marcha progressiva e inexorável em direção à “sociedade futura”⁴⁶.

Uma última característica que gostaria de apontar como essencial nestes textos autobiográficos é a importância conferida ao estudo e à leitura. Assim, Coutinho escreveu a

⁴² ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 25/09/1898. p. 2.

⁴³ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 18/07/1899. p. 2.

⁴⁴ CAVACO, C., op. cit., p. 15.

⁴⁵ BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica”. In: FERREIRA, M. de M. e AMADO, J. (orgs.), op. cit., p. 184.

⁴⁶ Como Coutinho denominava a sociedade socialista.

respeito de si: “teve sempre o defeito de não querer ser dos mais ignorantes (...)”. Ou então: “teve sempre o vício de gastar quanto podia em comprar livros que lia com frenesi”⁴⁷. É interessante notar que esta ânsia, quase compulsiva, de ler e aprender, era comum a diversos militantes do movimento operário, adeptos de diferentes correntes político-ideológicas, em muitas partes do mundo. Por exemplo, em “História de las agitaciones campesinas andaluzas”, Días afirma sobre os anarquistas: “liam e se educavam com apaixonado entusiasmo”⁴⁸. De forma semelhante, o líder comunista francês Thorez escreveu em sua autobiografia: “Eu começava minha educação geral pelas leituras abundantes. Eu lia (...) tudo que me caía nas mãos”, “eu devorava Júlio Verne”, “eu devorava jornais, revistas e brochuras”⁴⁹.

Tal atitude “bulímica” diante da leitura pode ser explicada, em primeiro lugar, pelo esforço de legitimação destes militantes, muitas vezes autodidatas, frente aos seus liderados e, sobretudo, frente a uma sociedade que tendia a vê-los como ignorantes e despreparados para a política. Entrar no mundo erudito, escrever artigos repletos de citações de autores consagrados, muitas vezes em outras línguas, eram formas de romper com esta imagem de inferioridade e, por conseqüência, de submissão. Como diz Sirot, a propósito do “seu” personagem: “Thorez molda a si mesmo, ao mesmo tempo ao cabo da experiência vivida e das leituras abundantes que lhe permitem acumular uma soma de conhecimentos que fazem dele um intelectual de ‘tipo novo’”, diferente do intelectual burguês, que não tem ligação orgânica com o operariado. Assim, ele se empenha em completar sua “formação por simbiose com a classe operária” com uma “formação intelectual mais clássica”⁵⁰.

Além disso, a aquisição destes conhecimentos parece conferir ao seu possuidor uma autoridade diante dos demais operários. Tal percepção fica bem clara nas palavras de Coutinho:

*Não fomos dos felizes que tiveram por berço o capital (...) mas tivemos a felicidade de aproveitar, tanto quanto foi possível, os nossos recursos intelectuais na leitura dos bons mestres socialistas e, graças a esforços empregados por nós no estudo da Questão Social, podemos, não com talento, porque embora o tenhamos (modéstia à parte), não o educamos convenientemente, mas ao menos com convicção e seguros de não errar - podemos, repetimos ainda, falar aos operários com uma certa autoridade, própria de quem tem gasto muitas horas de sono encostado à modesta escrivaninha pedindo aos livros os conhecimentos necessários para bem explicar o que devemos fazer em nosso benefício como classe explorada*⁵¹.

Este talento e esta educação não se manifestavam somente nos textos escritos mas igualmente através da oratória. Um líder operário deveria também dominar a arte de bem falar,

⁴⁷ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 25/09/1898. p. 2.

⁴⁸ Apud LITVAK, Lily. *Musa libertária: arte, literatura y vida cultural del anarquismo español (1880-1913)*. Barcelona, Antoni Bosch, 1981. p. 253.

⁴⁹ SIROT, S., op. cit., p. 34.

⁵⁰ Idem ibidem, p.p. 33-4.

⁵¹ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 15/06/1899. p. 1.

exprimindo as aspirações e as emoções de seus liderados, captando seus desejos, dando-lhes voz, mobilizando-os em torno da “causa”. Não se pode esquecer que, no Rio Grande do Sul do início do século XX, como bem afirma Luiz Alberto Grijó, “a prática oratória aparece (...) como um trunfo fundamental que instrumentaliza os ganhos culturais e escolares em termos de suas possibilidades de aparecência no vasto ‘mundo’, cuja intervenção neste é o objetivo procurado”⁵². Neste sentido, Coutinho, ao avaliar suas intervenções nas assembléias da “Sociedade União Operária” da cidade de Rio Grande, afirmou ter sido “(...) feliz em interpretar o sentir dos operários, e isto me aconteceu muitas vezes (...)”, e que “(...) os próprios companheiros confessavam compreender eu perfeitamente os seus desejos”⁵³. Carlos Cavaco, que se notabilizou como o grande “tribuno popular de Porto Alegre”, também ressaltava sua capacidade de estabelecer uma ligação afetiva e intensa com os ouvintes. Ao rememorar seu primeiro discurso público, realizado em uma loja maçônica da cidade Livramento, escreveu:

*O que ocorrera comigo, até hoje não sei explicar. Sei, unicamente que, como se explodisse um vulcão de eloqüência na minha garganta, emocionei, empolguei, arrebatei toda a grande seleta assistência, sendo ao terminar a minha primeira peça oratória realizada de improviso, conduzido nos braços da multidão, sob um delírio de aplausos*⁵⁴.

Através destes exemplos, procurei evidenciar certas características da “escrita de si” formulada por algumas das principais lideranças socialistas que atuaram no Rio Grande do Sul na I República. Porém, cabe destacar que tal discurso egotista pode ser perigoso pois, no movimento operário, constituído em torno do “nós-coletivo”, a prepotência é encarada como um vício e a modéstia como uma virtude⁵⁵. Se, para tais indivíduos, é necessária a reivindicação de uma série de qualidades pessoais, que demonstram sua capacidade/vocação/missão para dirigir o conjunto dos trabalhadores, também é preciso que eles tomem o cuidado de evitar que esta autoconstrução os distancie demasiadamente do conjunto do operariado, quebrando a relação de legitimidade. Ou seja, eles precisam ser, simultaneamente, o “mesmo” e o “outro”: o “mesmo”, porque fazem parte de “nós” e porque possuem qualidades que são “nossas”; o “outro”, porque precisam reunir todas estas qualidades e levá-las à perfeição, mostrando-se como os “mais capazes” (os melhores?)⁵⁶. Estabelece-se, assim, um jogo, perigoso sem dúvida⁵⁷, de identificação e de distanciamento que conforma a “persona” do líder operário.

⁵² GRIJÓ, Luiz Alberto. “A fundação da Faculdade Livre de Direito e a ‘vida acadêmica’ em Porto Alegre no início do século XX”. *Cadernos de Ciência Política*. Porto Alegre, PPG em Ciência Política/UFRGS, (4), 2000. p. 44.

⁵³ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 03/09/1899. p. 1.

⁵⁴ Apud CAGGIANI, I., op. cit., p. 36. (Sem referência da fonte)

⁵⁵ SILVA Jr., A. L. da., op. cit., p. 134.

⁵⁶ Afirmação inspirada em SIROT, S., op. cit., p. 55.

⁵⁷ Xavier da Costa, por exemplo, era muito criticado no meio operário, especialmente pelos anarquistas, pelo seu “chefismo”, ou seja, pela sua ambição de mando. Cf.: SILVA Jr., A. L. da., op. cit., p. 134 e SCHMIDT, B. B., “A palavra como arma...”, op. cit.

Cito, para finalizar, alguns trechos de artigos do nosso já bem conhecido Guedes Coutinho, nos quais fica clara esta convivência tensionada entre o “eu” e o “nós”. Por um lado, ele afirma seu pertencimento a uma “grande família proletária”:

*Se não tivesse nascido num berço humilíssimo e ao abrir os olhos não tivesse visto um pai que vestia a blusa do operário; desejaria no dia de hoje [1º de maio de 1898] esquecer o meu nascimento para poder me considerar irmão dessa falange colossal de proletários e unir a minha voz à sua para de coração gritar:
Guerra à exploração! Viva o socialismo!*⁵⁸.

Por outro, ele marca o seu distanciamento, sua condição de líder: “durante quatro anos nada se fez na ‘União Operária’ sem que eu fosse chamado, eu era imprescindível, era quase um chefe contra a minha modéstia!”⁵⁹.

Entre “irmão” e “chefe”, entre modelo idealizado e espelho dos companheiros⁶⁰, assim se (auto)construía a identidade de um líder operário...

⁵⁸ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 01/05/1898. p. 3.

⁵⁹ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 03/09/1899. p. 1.

⁶⁰ Tomo as noções de “modelo” e “espelho” emprestadas de SIROT, S., op. cit., p. 244.